

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura . O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. In: Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Org.). Práticas coletivas na escola. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 115-124.

O sujeito ecológico: a formação de novas identidades culturais e a escola*

Isabel Cristina Moura Carvalho

Introdução

Todos nós já ouvimos muitas vezes expressões que dizem que fulano/a de tal é muito *ecológico/a*. Também frequentemente usamos esse adjetivo para caracterizar atitudes como a de rejeitar as sacolas de plástico no supermercado, usar a água com parcimônia, separar o lixo, consumir produtos orgânicos, preferir roupas de fibra de algodão porque são mais *naturais* do que as sintéticas, ir à pé, de bicicleta ou reunir grupos de carona sempre que possível para ir ao trabalho ou às compras, entre tantas outras que poderíamos citar aqui. Estes comportamentos indicam decisões e preferências que algumas pessoas vão adotando pouco a pouco, conforme vão incorporando a ideia de que as preocupações ambientais são importantes e, ao fazerem isso, sentem-se gratificadas e reconfortadas, mesmo sabendo que os riscos ambientais não se resolvem imediatamente com essas ações exemplares. Isto significa que estas pessoas estão aderindo a um modo cuidadoso de se relacionar com os outros humanos e não humanos que tomam como boas, corretas, e moral e esteticamente admiráveis. Poderíamos chamar esse espírito de cuidado, responsabilidade e solidariedade com o ambiente como uma dimensão “ecológica” que pode ser assumida por indivíduos, grupos e também pelas instituições como a escola ou as políticas públicas. A identificação social e individual com esses valores ecológicos é um processo formativo que se desenvolve a todo momento, dentro e fora da escola, e que tem a ver como o que chamamos a formação de um sujeito ecológico e de subjetividades ecológicas.

A subjetividade é um conceito da psicologia social contemporânea e diz respeito a um modo de ser no mundo que posiciona um indivíduo diante de si mesmo e dos outros, a noção de sujeito ecológico está relacionada a um modo específico de ser no mundo. *Sujeito ecológico* é, então, um modo de descrever um conjunto dos ideais que inspira atitudes ecologicamente orientadas. O sujeito ecológico é incorporado pelos indivíduos ou pessoas que adotam uma orientação ecológica em suas vidas, bem como, pode ter efeito sobre instituições que se definam por esta orientação. O sujeito ecológico, portanto, designa a internalização ou subjetivação de um ideário ecológico. Esse mesmo processo pode ser pensado nos termos de uma incorporação por indivíduos e grupos sociais de certo campo de crenças e valores compartilhados socialmente, que passa a ser vivida como convicção pessoal, definindo escolhas, estilos e sensibilidades éticas e estéticas.

Quanto ecológico você consegue ser?

Analisando a formação de subjetividades ecológicas em nossa sociedade, vamos ver que este é um processo que não se dá de uma só vez e tampouco pode se tomar como algo

acabado ou homogêneo. Vamos imaginar um breve experimento. Selecione um grupo de diferentes pessoas (idades, gênero, profissão, classe social, regiões do Brasil etc) que tem em comum apenas o fato de serem simpáticas à causa ecológica. Agora podemos começar nossa pesquisa sobre o quanto ecológico cada um consegue ser em sua vida diária, perguntando a cada uma delas: “que hábitos você tem mudado em função de suas crenças ecológicas?”. Provavelmente pelas respostas poderíamos ver que alguns mudam levemente alguns de seus hábitos, outros modificam toda sua vida. Algumas pessoas, por exemplo, se consideram ecológicas porque separam o lixo de vez em quando. Outras, devido a suas crenças ecológicas, podem deixar de comer carne por toda a vida porque sabem que a produção de carne vermelha é a fonte de grande desmatamento tanto para a pastagem do gado quanto para a produção de soja para ração animal. Outras combinam motivações ambientais com outras mais pragmáticas como é o caso de muita gente que economiza água e eletricidade porque é bom para o meio ambiente mas também porque isso lhes traz benefícios econômicos. Assim, poderíamos dizer que se investigarmos mais a fundo vamos encontrar diferentes intensidades e modos de ser ecológico.

Como ocorre com outros ideais que os indivíduos tomam como modelo para si, nem sempre é possível realizá-los *cem por cento* na vida diária. Mas, o importante é observar que, na medida em que instituições e pessoas tentam viver de acordo com preocupações ecológicas, aí se encontra vigente, em alguma medida, o sujeito ecológico como modelo de identificação pessoal e reconhecimento social. Esse *tentar ser*, certamente esbarra em vários obstáculos. Alguns provenientes do fato de que os princípios ecológicos não são hegemônicos na sociedade em que vivemos e que, portanto, nem sempre favorece, através de políticas públicas e outras iniciativas, um estilo de vida ecológico (veja a ausência de coleta seletiva, poucas alternativas de transporte público ou transportes não poluentes como ciclovias, poucas redes de alimentação orgânica, pequena produção agroecológica etc). Outros obstáculos são derivados das contradições dos ideais de que as pessoas e as instituições são portadoras. O importante a destacar é que, mesmo para quem se identifica com a proposta ecológica, há uma permanente negociação intrapessoal, interpessoal e política em torno das decisões do dia a dia. Nesse sentido, a busca por ter sua vida guiada pelos ideais de um sujeito ecológico não isenta as pessoas das contradições, conflitos e negociações que sempre acontecem entre nossa realidade imperfeita e os nossos melhores ideais.

O sujeito ecológico não é universal: nem todo mundo se identifica com esse jeito ecológico de ser

E, por fim, é preciso considerar que há também, na sociedade, pessoas e grupos que absolutamente não se identificam com os apelos de uma existência ecológica. Para eles, os ideais preconizados pelo sujeito ecológico podem ser vistos como ingênuos, anacrônicos, pouco práticos, “malucos”; enfim, de alguma forma não são reconhecidos como norteadores do que esses grupos consideram uma vida desejável e boa. Como vivemos numa sociedade plural, os valores ecológicos não são a única orientação disponível para a vida pessoal e coletiva. Há muitas outras maneiras de se orientar no mundo, há maneiras indiferentes às preocupações ecológicas e também outros estilos de vida que poderíamos chamar de predatórios ou antiecológicos. Basta observar a valorização de modos de vida, que poderíamos chamar, para contrastar com a visão ecológica e pacifista, de modos “bélicos” de viver e conviver. Estariam aí atitudes comportamentos racistas e sexistas. A defesa da pena de morte e do porte de armas, por exemplo, com toda polêmica que despertam, são em grande parte alimentadas por atitudes defensivas que apostam na força como solução dos problemas. A valorização e até a glamourização do uso da força entre jovens também estão na origem da atração pelas gangues e pelas armas em jovens de várias classes sociais. E assim, poderíamos pensar em muitos outros exemplos do que chamamos aqui um estilo “bélico”. Do mesmo modo, pela indiferença e pela descrença, por exemplo, na ética, pode-se contribuir para um mundo nada ecológico, uma vez que a perda das esperanças num mundo compartilhado deixa as pessoas indiferentes e sem

motivação para ações solidárias que podem melhorar seu mundo social e ambiental e as predispõem a se fecharem e não se importarem com o que está em volta delas. Esses elementos culturais existem em nossa cultura e estão bem vivos nos famosos ditados “salve-se quem puder”, “cada um por si”, “a lei do mais forte” e tantos outros onde poderíamos ver a apologia de uma ação que desconsidera o bem comum. Esses são alguns exemplos de modos de pensar nada ecológicos, mas bastante disseminados e igualmente formadores de subjetividades. Conclusão, nem todo mundo está a ponto de adotar uma orientação ecológica em suas vidas. Ser ecológico é uma opção, não uma imposição ou uma verdade autoevidente, e aí entra o papel da escola e do educador que é um formador de opinião na batalha das ideias que atravessa nossa sociedade todo o tempo.

Escola e subjetividade ecológica

A educação é, em todas as suas modalidades, uma prática formativa. E a escola, por sua vez, é o espaço institucional por excelência onde esta formação transcorre de forma planejada e intencional na sociedade moderna cujo ideal é a educação como um direito universal. Assim, embora a formação do sujeito ecológico tenha lugar em todas as experiências que nos formam durante a vida, a escola toma parte entre estas experiências como um elo muito importante deste ambiente-mundo em que vivemos. Ao pensar as múltiplas relações de identificação e aprendizagem a que as pessoas estão submetidas ao longo de suas vidas, ao mesmo tempo escolhendo e sendo “escolhidas” pelas oportunidades, eventos, acontecimentos que lhes são dados viver, a escola será sempre uma experiência marcante. Parte deste ambiente-mundo, a escola é permeada por relações institucionais, locais, raciais, comunitárias, pedagógicas, políticas, é que faz da vida escolar um espaço social muito significativo.

A escola é igualmente atravessada por várias subjetividades que podem estar em acordo ou em antagonismo com os ideais ecológicos. A escola, nessa perspectiva, pode se converter num espaço educador mais ou menos propício à formação de identidades ecológicas ou predatórias, conforme os valores predominantes naquele contexto.

Mas então, como fazer? Não há caminhos ou modos predeterminados que garantam que esses valores sejam plenamente adotados. As metodologias podem ser várias e, como tais, apenas sugerem modos de organizar a experiência e o ambiente educativo. São instrumentos auxiliares. Assim, como em todo processo educativo, o educador está sempre pondo em ação uma combinação das metodologias que têm ao seu dispor em um ambiente e contexto específico, o que resulta na maioria das vezes em novas aplicações mais do que repetição de fórmulas prontas. Então, dentro deste horizonte não determinista da formação e também evitando supervalorizar uma ou outra metodologia, posso citar, a título de troca de experiência, um dos caminhos possíveis, sabendo que certamente existem muitos outros. Conheço algumas experiências interessantes em escolas que começaram por um autodiagnóstico, refletindo coletivamente sobre o quanto ecológica é ou pode ser a escola em questão. Isso passa por perguntar sobre como andam suas relações ecológicas entre si e com seu entorno. Uma vez que essa pergunta se torne uma pergunta de trabalho, isto é, investida da vontade e da sistematicidade que a transforme num meio para efetivamente pensar *a* escola e *na* escola a realidade dos professores, alunos, funcionários, comunidades humanas e não humanas do bairro, da cidade e assim por diante, estaríamos num processo produtivo de educação ambiental. Ao promover o debate, cada um estaria construindo a capacidade de perguntar e o desejo pesquisar, e a coragem de se confrontar com as respostas encontradas. Não importa se a escolha seja pela modalidade de projetos temáticos, palavras geradoras, currículo interdisciplinar ou outro caminho metodológico que se seja útil para pôr fim a uma interrogação significativa da realidade. Ao levar a cabo uma interrogação significativa da realidade, a escola estará promovendo experiências e provocando o pensamento crítico sobre os muitos modos possíveis – os existentes, os ecologicamente desejáveis e os não ecológicos – de habitar, viver e conviver no mundo desde uma perspectiva social e

ambientalmente responsável.

O professor e a formação de novas subjetividades

O professor ocupa um lugar ao mesmo tempo muito investido de poder e responsabilidade na formação de novas subjetividades, como é o caso do sujeito ecológico. Mas, ao mesmo tempo, todo educador também sabe dos seus limites quanto a assegurar sobre os caminhos a serem seguidos pelos que participam do processo de construção de saberes ecológicos. Este me parece o mistério e a beleza da educação. Não se trata de ter certeza de que todos seguirão no caminho que o educador acredita, embora suas crenças sejam sinceras e esta seja parte de sua motivação para educar. Contudo, essa posição de incerteza não é motivo para frustração do educador, mas é condição do *educar* como processo de liberdade, de abertura e de não coerção do outro. Educar é um convite para conviver, também nesse aspecto. O lugar do professor na formação do sujeito ecológico, poderia ser pensado como a educadora e terapeuta Ana Cristina Kupfer, da clínica e escola Espaço de Vida (São Paulo, USP), pensa, e isto vale para qualquer processo formativo. Por isso, concluo este artigo com uma citação de Kupfer que é um convite a seguir pensando sobre nossos limites, possibilidades e, sobretudo, disponibilidade para a abertura do processo educativo:

“Ao professor, guiado por seu desejo, cabe o esforço imenso de organizar, articular, tornar lógico seu campo de conhecimento e transmiti-lo a seus alunos. A cada aluno cabe desarticular, retalhar, ingerir e digerir aqueles elementos transmitidos pelo professor, que se engatam em seu desejo, que fazem sentido para ele, e que, pela via de transmissão única e aberta entre ele e o professor, encontram eco nas profundezas de sua existência.(...)Se um professor souber aceitar essa “canibalização” feita sobre ele e seu saber (sem, contudo, renunciar as próprias certezas, já que é nelas que se encontra seu desejo), então estará contribuindo para uma relação de aprendizagem autêntica. Pela via da transferência, o aluno “passará” por ele, usá-lo-á, por assim dizer, saindo dali com um saber do qual tomou verdadeiramente posse e constituirá a base e o fundamento para futuros saberes e conhecimentos”

Sugestões de leitura

BOCK, A. M.; Furtado, O.; Teixeira, M. **Psicologias; uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo, Saraiva, 4ª. ed. 2001

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo, Editora Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação)

FREUD, S. **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar** [1914]. Rio de Janeiro, Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, v. XIII). P. 285-288

KUPFER, M. C. **Freud e a educação 10 anos depois**. In:Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, *Psicanálise e educação: uma transmissão possível*, ano IX, n. 16, julho de 1999. p 14 – 26.

Sugestão de sites

Desacelerar é uma atitude ecológica . Se quiser saber mais sobre um movimento social

que defende a idéia de desacelerar a vida, começando pela atitude diante da alimentação, por isso o nome em inglês “slow food” . A tradução seria algo como “comer lentamente” e idéia é fazer do preparo da comida uma atividade de cuidado com a vida e do momento das refeições um tempo de encontro e convivência. Tudo isto está em oposição a cultura do “fast food”, comida rápida, industrializada, solitária. Para saber mais visite o site da Fundação Slow Food <http://www.slowfood.com/por/por.html>

Se você se interessou pelo assunto veja também o verbete *Slow Food* na Wikipedia http://en.wikipedia.org/wiki/Slow_food

Ou ainda o artigo em português na revista Vida Simples de julho de 2003, também acessível na Web
<http://vidasimples.abril.com.br/edicoes/006/01.shtml>